



# COLÓQUIO/Letras

ISSN: 0010-1451 - Página principal / Homepage: <https://coloquio.gulbenkian.pt>

---

## [Recensão crítica a 'Instrumentos de Sopro', de Ruy Ventura]

Levi Condinho

Para citar este documento / To cite this document:

Levi Condinho, "[Recensão crítica a 'Instrumentos de Sopro', de Ruy Ventura]", *Colóquio/Letras*, n.º 176, Jan. 2011, p. 227-229.

EDIÇÃO E PROPRIEDADE

quando o sono demorava — espalhando-se / em humidade salgada em todo o ar da casa, até aos lençóis da cama: / como em tudo na casa, há mar na cama // de manhã auscultarei a bruma, a promessa do sol / auscultarei as vagas, o seu porte, porque eu amo o poder do mar» (p. 36). O mar, como a vida, é o descontínuo do que já foi, imagem dialéctica, lugar onde o passado converge com o presente para formar uma constelação. Neste sentido, em *Lugares, 3*, o mar é plano cinematográfico, cenário de um enredo, mas também de uma vida que passa. *Lugar* em que o eu é, simultaneamente, espectador e actor desse filme. Lugares de sentido diferentes do eu, lugares de uma fragilidade e vulnerabilidade de quem passa rápido e furtivo pelas calhas da vida, de quem passa como um comboio que «corta a noite correndo / pelo som que faz», lutando contra «tudo o que corre [...] no sentido inverso / à marcha do comboio» (p. 27).

Esta luta contra o tempo, contra o esquecimento e a morte faz-se pela memória, pelo iluminar de *naturezas-mortas*, não apenas as da pintura, mas todas aquelas que são parte do nosso dia-a-dia. Faz-se também pelo canto do poeta que, como Orfeu, tenta salvar a sua Eurídice morta. Num tom profundamente elegíaco, muitos são os poemas deste livro que lamentam e choram a dor de *alguém que vai partir*, do mesmo modo que, também pela música — a do rock de Jimi Hendrix, a dos Rolling Stones, ou apenas a música do poema —, se chora a dor de uma «nocturna, áspera voz», voz do tempo que «traz / o atrito, o grão, a miséria, a combustão» (p. 53).

Numa linguagem contida, onde o rigor e a delicadeza se cruzam, desta poesia emana quer a melancolia da revisitação de filmes ou de músicas perdidos no tempo, quer a de quadros ou de esculturas que, na sua imobilidade, penumbra e silêncio,

aguardam a luz do olhar que lhes dê existência. Revisitação também de *lugares, solares* ou *imoderados* da vida, esta poesia movimenta-se entre a procura da «matéria ardente» e a «miragem de uma atenção alucinada» (p. 55). Como um *livro de passagens*<sup>5</sup> em que este eu é, simultaneamente, hóspede e peregrino de si próprio, *Lugares, 3* é não só um livro de reflexão em torno do cinema, da pintura e da música, mas sobretudo de reflexão sobre a própria poesia, numa experimentação de linguagens diferentes, de presença e ausência das coisas, de abertura ao mundo pela luz da palavra, naquilo que ela revela pela sua evidência; e de fechamento também, na obscuridade do informulável, naquilo que a palavra ignora ou dissimula.

Paula Cristina Costa

#### NOTAS

- <sup>1</sup> Maria Andresen, *Lugares*, Lisboa, Relógio d'Água, 2001.
- <sup>2</sup> «um comboio corta a noite correndo / pelo som que faz / o romper do ar que há na sua voz / na sua voz» (p. 27).
- <sup>3</sup> «Querida o sol toco inacabado / queria o vento tempestuoso batendo palmas entre as folhas / queria a ignorância, a primeira ideia, o sol» (p. 44).
- <sup>4</sup> «e aprendi a reconhecer no céu a norteadora estrela / alongando cinco vezes em direcção a ela / a distância entre duas outras // segurei pela direcção que a tua mão me deu / chegando talvez a essa estranha estrela / discreta, escondida, quase familiar na vastidão do céu» (p. 34).
- <sup>5</sup> Alusão a um dos seus títulos de poesia: *Livro das Passagens*, Lisboa, Relógio d'Água, 2006.

#### Ruy Ventura

#### INSTRUMENTOS DE SOPRO

Águas Santas, Edições Sempre-em-Pé / 2010

Vencedor, em 2000, do Prémio Revelação de Poesia, da Associação Portuguesa de Escritores, Ruy Ventura, nascido em 1973 na serra de São Mamede, publicou, depois

do seu primeiro livro de poesia, *Arquitetura do Silêncio*, mais cinco livros de poemas, alguns traduzidos em Espanha e um nos Estados Unidos. E menciono apenas a sua produção poética; por outros géneros e actividades literárias se espalhou Ruy Ventura.

Senhor de uma cada vez mais apurada ciência da linguagem, onde detectamos a laboriosa reflexão sobre a mesma, enformada por uma vasta e ecléctica cultura, proponho-me extrair da leitura da sua obra, e, sobretudo, de *Instrumentos de Sopra*, dois tópicos (entre outros possíveis) fundadores da sua poética: a) o elementarismo; b) a religião/relição.

Refiro o elementarismo, desde logo, pela atenção devota às coisas do mundo, da natureza (dos elementos), do tempo, da(s) memória(s), dos ritos do trabalho/da lavoura (e da arte), da história, do microcosmos do pequeno — mas nobilitante — quotidiano, ao macrocosmos em que ousamos, através do «sopro», emitido a partir dos «instrumentos» de um corpo indissociado do espírito, pesarmo-nos na «balança transcendente das coisas» (Antero de Quental): «nesta noite em que vigiamos / o forno do alto da mais alta torre» (poema 39, «síntese»).

Determinante do elementarismo em questão é a própria matéria da linguagem, plena de contenção, de palavras sopesadas e oferecidas, uma a uma, diríamos, ao «sabor/paladar», ao «táctil» do leitor, numa coesão orgânica que nos envia, remotamente, para as poéticas, por exemplo, de um certo Carlos de Oliveira, de um Nuno Guimarães. Palavras substanciais, em que signo e referente se casam indissociados, assentes, sobretudo, em substantivos (pedra, árvore, água, vinho, pão, casa, corpo, etc.) que raramente necessitam do abrilhantamento do adjectivo para projectarem o fulgor do seu brilho. Palavras associadas, por via de

sábias «técnicas de engate» em que o óbvio é recusado, amiúde, para dar lugar ao efeito de estranhamento, à inesperada substituição de signos («a janela guarda no poço uma língua estranha»), palavras que escavam, que raspam, que procuram o vestígio, o achado arqueológico, o arcano, «palavras que ninguém entende / mas todos queremos escutar» (8, «evocação»), pelas quais «o caçador afasta o nevoeiro / para melhor entender o nevoeiro» (2, «aparição»), nas quais coabitam «os ossos e a estrutura mineral das horas» (11, «registo»).

Referindo agora o outro tópico, aqui me surge o maior embaraço da escolha, já que toda a obra (e a vida, sei-o eu) de Ruy Ventura é, mais do que atravessada, pan-estruturada pela religião/relição. Não por acaso, o autor (num poema do epílogo) escreve «ora. e labora. ora e labora» em alusão à recomendação de São Bento «ora et labora et noli contristari», aqui se podendo acrescentar, para maior abrangência contra um possível reducionismo da sentença beneditina, o conselho de Agostinho da Silva: «Tudo o que fizermos, o façamos bem feito [...] com disposição e intensidade litúrgicas.»

Se a religião surge, permanentemente, em Ruy Ventura, nos seus aspectos visíveis, rituais, litúrgicos (catedral, torre, sino, paramento, incenso...) com fortes reminiscências dos textos sagrados do cristianismo e do judaísmo («a árvore. / nascida no início.» — 25, «escritura»), numa denúncia clara da saudável prática cristã e católica (mas ecuménica) por parte do poeta, pobre seria a leitura da sua poesia se não ultrapassássemos essa prática/mundo no sentido de uma demanda/outra que é a do espiritual (por exemplo, no sentido estético kandinskyano), da luta pelo «achamento» do coração do invisível, em que «dois anjos abraçam o cume da montanha» (25, «escritura»),

enquanto se escutam «os sinos / embalando o nevoeiro» (9, «regresso»).

E posso salientar, ainda nesse contexto de religião/religação, a denúncia, o protesto, a lamentação, contra a profanação do mundo (42, «cadáver» — sobre a transformação da igreja de São Julião, na Baixa lisboeta, em garagem de automóveis), contra o desrespeito e os atentados (incêndio da serra de Castelo de Vide, as questões em torno da serra da Malcata, etc.) contra a natureza (sagrada natureza), contra o património artístico e religioso. E afirmo a minha admiração por um poema que, só por si, vale todo um livro (5, «purificação»), texto admirável em que se rememora toda a existência da igreja de São Domingos, em Lisboa, palco de fogo, de fogos (o fogo conclamando o fogo), queima de homens e queima («o incêndio purificou a pedra e a memória») do edifício no seu (belo, recorde) interior.

Ruy Ventura recorre neste seu livro a umas «notas de autor» em que nos fornece um «mapa/guião» como visita guiada aos seus poemas que, «não sendo tópicos ou efrásticos», assentam sobre «elementos materiais (povoações, lugares, casas, igrejas, castelos, sítios e achados arqueológicos, esculturas e pinturas) que convulsionaram as palavras». Reconhece-se aí uma mais-valia para a leitura, mas, assim o julgo, mesmo que, como outros poetas fazem, se deixassem os poemas na obscuridade, sem tais pistas de leitura, a autonomia de cada poema, só por si, já nos bastaria. Na «travessia» (poema 15) entre Amieira e as Portas do Ródão, leiamos, em aberto, qualquer outra travessia (a vida...): «trasladaram o trigo e o fermento / com que fui diminuindo / a minha sede. / só não quiseram levar o calor / do vinho eterno. / a barca era demasiado estreita.»

Ruy Ventura é já um poeta maior da nossa contemporaneidade. Mas ele tam-

bém sabe que «a linha desconhece esta presença. / o padrão (se existiu) foi engolido / pela velocidade com que passaram» (15, «travessia»).

*Levi Condinho*

**Paulo Tavares**

**MINIMAL EXISTENCIAL**

Lisboa, Artefacto / 2010

ÓRBITA IRREGULAR

Sento-me

sobre os despojos do mundo moderno  
para repensar um pouco a sua órbita,  
mas eis que o silvo dos projecteis,  
o fumo, a fúria e o caos me impelem  
do mesmo modo, mas não totalmente  
rendido, à corrida por um abrigo.

(p. 24)

Este pequeno poema, que podemos encontrar numa das primeiras páginas do novo livro de poesia de Paulo Tavares, parece resumir o seu tema e o seu programa. *Minimal Existencial* é uma obra melancólica, de contornos nocturnos e citadinos, e, sendo produto claro da consciência dos tempos («Se o medo e a tristeza se prolongam, é melancolia»), assim é definida e revelada ao mundo pela primeira vez este sentimento num aforismo de Hipócrates, assentando que nem luva neste livro), não cai numa «bílis negra» solipsista. Veremos mais à frente como. Paulo Tavares é um autor das novas gerações (Lisboa, 1977), que se estreou em 2007 com *Pêndulo*, na extinta editora Quasi. O seu novo livro parece partir naturalmente do anterior, onde a reflexão sobre o tempo, de que o título era símbolo por excelência, estava bem presente (e encontra uma interessante modelação, por exemplo, neste novo livro, em «Dos Fenómenos Protensos»,